

Nota dos Editores

Luis Eduardo Tavares¹

ORCID: 0000-0001-6005-6928

Pedro Malina²

ORCID: 0000-0002-2719-4875

O ano de 2022 marca importantes inflexões na história brasileira. Ano de encruzilhada de forças e projetos de país, em que se realizam eleições gerais para a troca ou manutenção do comando da república, trazendo à tona o choque entre tendências ideológicas em jogo e fazendo aflorar as ansiedades e violência políticas. Este é um ano crucial na definição dos rumos imediatos que o Brasil trilhará, num momento dramático da história do país, em meio à crise econômica e aos enfrentamentos de uma pandemia global, em que a sociedade brasileira encontra-se politicamente fraturada pelos acontecimentos da última década e sob o governo de uma extrema direita disruptivo com os valores democráticos.

Acrescenta-se que neste ano também são celebrados dois importantes eventos históricos de profícuas repercussões no destino do país, que desempenharam papel fundamental na construção e formação de sua identidade. Completa-se, em 2022, o segundo centenário da Independência do Brasil, alcançada em 7 de setembro de 1822, e o primeiro centenário da Semana de Arte Moderna, de 13 a 17 de fevereiro de 1922. Mais do que a maioria dos anos, 2022 nos convida a refletir sobre os caminhos e descaminhos do Brasil, sobre os projetos nacionais e utopias do passado e do presente, e a formação da identidade brasileira.

¹ Editor da Revista Aurora, pesquisador do NEAMP e professor da pós-graduação da FESPSP.

² Editor da Revista Aurora, pesquisador do NEAMP e professor da pós-graduação da FESPSP.

A Independência do Brasil, que em 1822 marcou a passagem da Colônia para o Império, simbolizada pelo mítico grito de “independência ou morte!” foi, no entanto, uma mudança de cima para baixo, realizada como um arranjo político entre elites para a manutenção de seus privilégios. Esta passagem histórica desatou inúmeros projetos e lutas republicanas e abolicionistas por todo o Brasil, com diferentes aspectos regionais que procuravam estabelecer as bases para o Brasil em formação. Contudo, a conservação da monarquia e da escravidão afirmou uma distintiva modernização conservadora que se tornou o padrão dos processos de desenvolvimento brasileiro.

Cem anos depois da Independência, o Brasil vivia transformações advindas da crescente industrialização e urbanização que fomentavam aspirações de mudança. Movimentos políticos e artísticos sintonizados com o espírito do tempo das vanguardas mundiais resultaram em uma variedade de modernismos associados às realidades regionais, engendrando utopias de diferentes tendências ideológicas, que seguem se reproduzindo nos espectros da direita e da esquerda política até os dias de hoje. A Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, foi um dos principais acontecimentos desse período. Embora não tenha abarcado toda a diversidade do modernismo brasileiro, foi o epicentro de importantes obras e artistas que influenciaram as décadas seguintes. Cabe assinalar que um dos motes da realização da Semana de Arte Moderna naquele ano era também um balanço dos cem anos da independência com vistas ao porvir. Dessa maneira, seus debates refletiram as tensões em torno da identidade brasileira, frente à modernidade que se expandia no país. Novamente, diversos projetos de diferentes matizes políticas disputavam o que era e o que seria o Brasil dali para a frente.

A utopia antropofágica do Grupo Pau Brasil, sobretudo em Oswald de Andrade e Mário de Andrade, repercutiu imensamente nas artes nativas a exemplo do cinema novo, o tropicalismo, e mesmo na política, entre aqueles que defendem a diversidade e buscam um desenvolvimento autônomo do país, ao mesmo tempo aberto a elementos estrangeiros. Exemplo disso está na conformação de uma política cultural, iniciada por Mário de Andrade, e continuada em diferentes momentos institucionais de nosso país, que busca promover o encontro do Brasil consigo mesmo. De outro lado, o verde-amarelismo do Grupo Anta, com seu nativismo conservador e autoritário, se ramificou em diferentes vertentes da direita, das

brandas às extremadas. Observamos na atualidade sua estética em movimentos conservadores e de direita, embora seu conteúdo nativista tenha se perdido.

Que reflexões podemos fazer sobre os projetos de Brasil neste momento em que estamos situados? Que projetos de país encontram-se hoje em disputa? Quais as influências destes dois momentos importantes da história do Brasil nestes projetos? Motivados por tais questões, a Revista Aurora abriu um chamado de artigos para o dossiê “Projetos e identidades de Brasil: 200 anos da Independência Brasileira e 100 anos da Semana de Arte Moderna”. O resultado são artigos que versam sobre as vicissitudes dos projetos nacionais difundidos a partir de 1822 e de 1922, que traçam avaliações de acontecimentos de amplo alcance histórico e que nos trouxeram à atual encruzilhada e reflexões sobre as transformações na identidade brasileira. Apresentamos a seguir os seguintes trabalhos.

O artigo “Duzentos anos de dependência e autocracia: a revolução burguesa segundo Florestan Fernandes” de Cláudio Novaes Pinto Coelho reflete criticamente sobre as principais características da sociedade brasileira, mediante um retrospecto do processo histórico de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, a partir da obra “A revolução burguesa no Brasil” e outros textos do autor.

5

Paulo Silvino Ribeiro, em “O bicentenário (da)nação: as contradições de um país pronto, mas que não se fez”, apresenta as contradições que forjaram os caminhos e descaminhos do país em sua constituição política, econômica e social, desde a Independência de 1822, a partir de uma análise sociológica do processo de formação do Estado brasileiro.

Em “Modernismos e resistências à modernização: Mademoiselle Cinema, o pensamento conservador e a modernidade possível ao sul do capitalismo”, Pedro de Castro Picelli observa os sentidos em que se realizaram as condições intelectuais para o desenvolvimento de uma crítica conservadora à modernização brasileira republicana, por meio da análise sociológica da forma do romance *Mademoiselle Cinema: novella de costumes do momento que passa* (1922), de Benjamim Costallat, sobretudo, em como ele deu suporte aos próprios processos sociais em meio aos dinamismos culturais que tiveram em 1922 seu catalisador simbólico.

O artigo “Maria Firmina dos Reis como um contraponto ao modernismo paulista? Uma hipótese ainda não comprovada” de Rafael Balseiro Zin debate, num primeiro momento, a possibilidade de reedição do romance inaugural

da maranhense como um contraponto ao modernismo paulista para, logo na sequência, apontar o descaso com que as fontes documentais são tratadas por determinados pesquisadores, sobretudo quando elas se referem à história e ao legado de personalidades negras brasileiras.

Além do dossiê, a presente edição também reúne uma pequena miscelânea de artigos de fluxo contínuo relacionados abaixo.

Em “A formação identitária do negro no interdiscurso: índices de preconceito”, Eduardo Alves da Silva caracteriza a imagem no negro e a pluralidade de sentidos que parece se constituir a partir de várias vozes discursivas. Doacir Gonçalves de Quadros e Pedro Felipe Silva analisam em “A campanha negativa no Facebook dos presidencialistas nas eleições de 2018” os usos que os cinco principais candidatos à Presidência do Brasil fizeram desta rede social. O artigo “A entrada da Venezuela no Mercosul desde a perspectiva da Câmara dos Deputados Uruguiaia (2000-2016)”, de Angelo Raphael Mattos, Matheus Felipe Silva e Samuel Decresci identifica a percepção e o posicionamento dos parlamentares no âmbito da Câmara dos Deputados do Uruguai a respeito da inserção e da manutenção da Venezuela no MERCOSUL. E em “Pesquisa e Extensão e Educação Básica: das forças que nos compõem”, Davina Marques e Antonio Carlos Rodrigues de Amorim discutem, teórica e experimentalmente, atividades desenvolvidas em projetos de pesquisa e extensão em uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

Fechando a edição, dentro da temática do dossiê, temos a resenha do livro “O sequestro da Independência” de Carlos Lima Jr., Lilia Schwarcz e Lúcia K. Stumpf.

Boa leitura!

Luis Eduardo Tavares, Pedro Malina,

Mércia Alves e Fabricio Augusto Antonio Amorim